

PRÉ-UNIVERSITÁRIO OFICINA DO SABER – PERSPECTIVAS

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
Professor Programa Oficina do Saber/UFF
jnilton.uff@gmail.com
orcid.org/0000-0002-9946-3739

José Nilton de Sousa¹

Hugo Farias de Sousa²

² Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Doutorando em História Comparada UFRJ
hgfariasdesousa32@gmail.com
orcid.org/0000-0001-7218-2569

RESUMO

O Pré-Universitário participa do esforço coletivo de inclusão da população negra e/ou pobre no ensino superior público, reconhecendo a formação intelectual como variável importantíssima no combate às desigualdades sociais e ao racismo que permeiam a sociedade brasileira. Difere dos demais grupos que se envolvem com a temática pelo aspecto de pertencimento a uma universidade pública e por conter a preocupação com a formação do estudante universitário, seja como campo de estágio, atividade extracurricular ou mesmo participação voluntária. O ensaio expõe quatro aspectos que vêm demarcando o projeto ao longo de vinte e dois anos e, como tal, devem ser problematizados para melhores elucidaciones. São eles: o cotidiano; as cotas raciais; os alunos do Pré-Universitário e da Atualização; e autocondução, solidariedade e entorno.

Palavras-chave: acesso ao ensino superior; educação; racismo; desigualdade; população negra

ABSTRACT

The Pre-University Course participates in the collective effort to include the black and/or poor population in public higher education, recognizing intellectual formation as a very important variable in the fight against social inequalities and racism that permeate Brazilian society. It differs from the other groups that are involved with the theme due to the aspect of belonging to a public university and for addressing the concern with the formation of the university student, whether as an internship field, extracurricular activity, or even voluntary participation. The paper brings four aspects that have been marking the project throughout twenty-two years and, as such, they must

be problematized for better elucidation. They are: everyday life; racial quotas; Pre-University and Update students; and self-driving, solidarity and surroundings.

Keywords: access to higher education; education; racism; inequality; black population

APRESENTAÇÃO

O Pré-Universitário vem participando do esforço coletivo de inclusão da população negra e/ou pobre no ensino superior público, oferecendo uma base pedagógica de preparação para o ENEM e o vestibular da UERJ, associado a uma formação política. É um programa de extensão da Universidade Federal Fluminense que tem, em sua estrutura, dinâmicas de movimento popular e acadêmico, procurando levar ao espaço da academia as demandas sociais que permeiam a sociedade em busca de direitos. Dessa forma, reconhece-se o papel da formação intelectual como variável importantíssima no combate às desigualdades sociais e ao racismo que permeiam a sociedade brasileira.

A dinâmica do Pré-Universitário difere dos demais grupos que se envolvem com a temática, como Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e a Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO), entre outros, pelo aspecto de pertencimento a uma universidade pública e por conter a preocupação com a formação do estudante universitário, seja como campo de estágio, atividade extracurricular ou mesmo participação voluntária.

A convivência, no Pré-Universitário, entre alunos da universidade com jovens e adultos das camadas populares formados pelas redes públicas permite ao universitário a percepção do quanto a rede pública de educação

tem sido negligente na transmissão de conhecimentos necessários à formação integral dessas camadas.

Apesar dessa precariedade de formação, por razões variadas, um quantitativo de jovens e adultos das camadas populares preserva a vontade de acessar o ensino superior. Esse estímulo aliado à dedicação, muitas vezes cotidiana, em parceria com o empenho dos alunos da universidade, são fatores decisivos para superação de impasses e acesso ao ensino superior.

Ao todo, o Pré-Universitário já percorreu vinte e dois anos de existência, ocupando espaço físico distante do campus da universidade. Apesar de esse espaço apresentar precariedades, pela localização e dificuldade de acessar os serviços da UFF, tem sido por meio dele que a concepção do projeto se faz valer no interior desta instituição pública.

PRÉ-UNIVERSITÁRIO OFICINA DO SABER - O COTIDIANO

Em paralelo ao trabalho com os conteúdos necessários aos exames do ENEM e do vestibular da UERJ, a equipe, principalmente a da área de humanas, promove discussões sistematizadas sobre temas que afligem o cotidiano, levando o aluno da comunidade a perceber o *modus operandi* construído historicamente por nossa sociedade. A preparação

dessas atividades agregadas aos debates e seus desdobramentos em sala de aula promovem ambiência favorável, também, para a formação do aluno universitário. São ambientes de aprendizagem onde se evidenciam, muitas das vezes, a necessidade de intervenções, até mesmo para minimizar conflitos instigados pelos posicionamentos durante os debates. É de se imaginar os efeitos de discussões sobre temas como fome, racismo, escravidão moderna, feminicídio, narcotráfico, exploração/abuso sexual de crianças e adolescentes, genocídio da população negra, democracia, intolerância religiosa, entre outros.

A preocupação com a formação do aluno universitário, tendo como base as demandas das camadas populares, torna-se pertinente, pois oportuniza outros recortes de conhecimentos que diferem da visão de uma universidade de cunho elitista que tende a satisfazer os desejos de uma camada social. Essa tentativa de contrabalançar a perspectiva do conhecimento tem como objetivo garantir, ao aluno universitário em seu processo de formação, a maleabilidade entre o conhecimento formulado no plano acadêmico e o impulsionado pelas demandas políticas por direitos.

Em suma, procura-se fermentar um agir entre os alunos da comunidade e os universitários, o que resulta em uma formação conjunta em que a amálgama se dá pelo envolvimento com o processo de construção do trabalho. Discutir temas como os citados, entremeando com os conteúdos das disciplinas, tanto pode ocorrer de maneira espontânea quanto planejada. Os envolvidos nas disciplinas de Sociologia, História, Filosofia, Literatura, Produção Textual e Geografia têm, em seus programas, previsões de palestras e seminários para darem conta, de forma sistematizada, dessas discussões.

Os novos integrantes do Projeto, bolsistas, voluntários e professores, antes de iniciarem suas atividades, precisam de uma visão geral dos propósitos que norteiam o Projeto, que geralmente é esclarecida pela coordenação em encontros em que se destaca a perspectiva de a atuação ir além dos conteúdos programados do ENEM e da UERJ. Como meio de materializar essa perspectiva, busca-se envolver os novos integrantes nas atividades comuns, como nos seminários agendados geralmente pela equipe de humanas; nas aulas de campo, como o percurso pelas marcas históricas do Rio de Janeiro e de Niterói; Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB); Pedra da Gávea, entre outros. Como essas atividades são coletivas, os novos integrantes têm a oportunidade de vivenciar o *modus operandi* do projeto e de exercitarem tentativas de não se isentarem, com seus conteúdos, das discussões críticas que geralmente são suscitadas pelas áreas de humanas.

Essa vertente de reunir alunos da comunidade com alunos da universidade, com voluntários e outros para que juntos construam e operacionalizem ações que levem ao crescimento mútuo, não tem fórmulas prontas. O importante é que a sala de aula se transforme em um espaço onde os desejos de professores, bolsistas, voluntários e alunos se conjuguem, para que alunos da comunidade absorvam conteúdos de disciplinas e a equipe encontre o melhor meio de trabalhar conceitos, muitas vezes não vistos pelos alunos em suas passagens pela escola pública.

Como já dito, o projeto procura levar o aluno da comunidade a compreender as dinâmicas sociais do nosso modelo de sociedade, que enclausuram as pessoas e embotam-nas em seu pensar. Isso é importantíssimo, pois habilita o aluno a perceber as sutilezas de um processo de exclusão que é inerente ao mo-

delo de nossa sociedade e que repercute no seio da universidade. Por exemplo, a sutileza de exclusão que ocorre em uma sala de aula quando se rotula alguém de incapaz, revelando um jogo de imposições, muitas vezes referenciado na posição social ou mesmo na cor da pele do aluno. A percepção dessas sutilezas, dadas no cotidiano, e que reproduzem exclusões, deve ser discutida como meio de se evitar o comprometimento do esforço realizado coletivamente para implantação da política de cotas, através da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Lei de cotas raciais).

PRÉ-UNIVERSITÁRIO E AS COTAS RACIAIS

A Lei de cotas está fazendo dez anos de sua publicação. Porém, antes de 2012, cada Universidade Federal formulava critérios próprios, procurando contemplar, em seus editais de seleção, tais discussões presentes na agenda política. Em paralelo ao acompanhamento dessas discussões na UFF, o Pré-Universitário também buscou registrar como os alunos do Projeto estavam assimilando esses debates, que ganhavam os meios de comunicação. Para tanto, incluiu, no processo de seleção de 2004, a solicitação de uma redação em que os candidatos deveriam elaborar uma composição a respeito de um dos seguintes temas: *Cotas nas universidades: racismo ou resgate de cidadania* ou *O negro na universidade*. Relendo essas composições, nota-se que os principais argumentos são pautados no senso comum, como favor ou benevolência. Abaixo, um trecho destacado de uma redação de 2004, selecionada aleatoriamente:

No Brasil a educação vem sendo muito prejudicada ao longo dos anos os alunos saem da escola sem ter nenhuma base para disputar uma vaga com uma pessoa que estudou em escolas particulares. Então para amenizar este problema o governo cria um programa de “cotas na Uni-

versidade”, onde é reservado um certo número de vagas para alunos de escolas públicas e negros, contudo, essa não é a solução justa para o problema, pois sendo assim taxamos essas pessoas como despreparadas e desqualificadas e isso não é verdade sabem que elas tem capacidade de enfrentar qualquer vestibular e passar como qualquer um basta receberem boa educação serem preparadas pra isso, coisa que não vem acontecendo.

Essas pessoas não podem ser tratadas como coitadinhas elas tem o direito de poder competir com qualquer um, este programa de cotas é uma forma bem sutil de discriminá-las e também mascarar o problema da má educação. (Transcrição fiel - trecho de uma redação de candidato ao Pré-Universitário Oficina do Saber no ano de 2004).

Depois de dezoito anos, a maioria das redações atuais, mantendo os mesmos temas, aponta para o resgate de direitos como principal argumento. Apesar desta mudança de posicionamento, ainda percebemos um quantitativo de alunos que negam a política de cotas. A existência desse quantitativo, mesmo que diminuto, incomoda o projeto, mas é necessário atentar para as possíveis leituras dessa informação. Abaixo, um trecho de uma redação de 2022, selecionada aleatoriamente, sobre o mesmo tema:

De um lado, pessoas que acham o sistema de cotas uma piada; do outro, pessoas que apoiam e acham justo. Ao olhar para a sociedade você pode perceber qual é o lado certo da história. O cantor Nego Max na sua música “Eu não sou racista” disse a seguinte frase “Cota não é esmola, é inclusão de um povo que foi deixado e largado”, uma frase que foi direcionada para pessoas que acham o sistema de cotas injusto, pessoas essas que falam que cotas são desculpas para preguiçosos, sendo que tem um grande contexto histórico por trás de tudo isso. (Transcrição fiel

- trecho de uma redação de candidato ao Pré-Universitário Oficina do Saber no ano de 2022).

Ao buscar uma resposta sobre o posicionamento de negar as cotas, citado acima, verificou-se que, na ficha de inscrição para o processo de seleção do Pré-Universitário, parte desses candidatos, mesmo possuindo fenótipos, não se identificava enquanto negro ou indígena. Essa leitura sinalizou ao projeto a necessidade de dar maior destaque aos dispositivos no modo de agir que venham a auxiliar seus alunos a se identificarem quanto à raça.

O trabalho de amadurecimento, de identificação e de pertencimento a determinados grupos raciais torna-se um desafio para o projeto, tanto quanto a assimilação de conteúdo das disciplinas das áreas de conhecimentos exigidas pelo ENEM e UERJ. Uma aluna, que atualmente cursa Biomedicina na UFRJ, apesar de possuir fenótipo indígena, levou aproximadamente um ano para assumir sua condição de descendente dos povos originais. Por meio dela, percebemos o quanto é complexo recontextualizar um ser em sua história de vida.

A legislação que instituiu as cotas, especialmente as cotas raciais para acesso ao ensino superior, vem passando por discussões à medida que tentativas de burlá-la vieram à tona (BRASIL, 2014). A Instituição EDUCAFRO, por meio do Frei Davi, coloca a importância de se incluir, nas cotas raciais, somente as pessoas que são discriminadas pela aparência física, ou seja, o fenótipo seria o mais importante e não a ascendência (JURISWAY, 2015). A discussão é pertinente, uma vez que a nossa sociedade, historicamente, vem se apoiando nas características físicas e não na ascendência para discriminar a população de origem africana e indígena.

Independente dos debates que ocorrem em torno das cotas raciais, que geralmente acontecem entre as lideranças da temática, há um nível crescente de percepções favoráveis à política de cotas entre os alunos do Pré-Universitário ao longo dos dez anos de implantação da legislação, como citado anteriormente.

Esse crescimento pôde responder ao esclarecimento da população à medida que o tema passou a ser debatido nos meios de comunicação (SANTOS, 2020). Outro fator bem favorável tem sido a multiplicação de propostas de cursos populares de preparação para o acesso ao ensino superior, o que vem tomando uma dimensão de movimento popular, atraindo diversos grupos de interesses, inclusive partidos políticos, independentemente de sua coloração.

Não se deve esquecer que a aceitação enquanto direito passou a ser destaque também pelo desenvolvimento dos jovens cotistas que chegaram às universidades públicas. Nas primeiras aferições dos cotistas na UERJ, foi constatado o nível de igualdade dos mesmos para com os demais que entraram pela plena concorrência, ou seja, o receio de que os cotistas iriam baixar o nível acadêmico caiu por terra. A ideia de meritocracia para acessar a universidade começou a ser abalada.

Apesar dos avanços conquistados quanto à aceitação da política de cotas como direito, ainda existe um espaço de reflexão necessário à universidade brasileira sobre a aceitação das camadas populares em seu interior.

Assim como há tentativas de fraudes no uso das cotas raciais, como a EDUCAFRO vem problematizando, que prejudicam a legislação, há também desajustes em outros aspectos da legislação que a tornam não equânime. Cumpre observar as desigualdades

existentes no conjunto de escolas públicas brasileiras: no estado do Rio de Janeiro, por exemplo, estão a FAETEC, o Colégio Militar, o Colégio Pedro II, os Colégios de Aplicação das universidades públicas, entre outros, que são colégios de excelência se comparados aos da “rede estadual comum”. Os alunos dessa “rede de excelência”, quando se inscrevem no ENEM ou na UERJ, usufruem dos mesmos benefícios que os alunos da “rede estadual comum” ao optarem pelas cotas de escolas públicas. Essa desigualdade, impossível de ser modulada, traz outras reflexões.

Alguns esclarecimentos são necessários. A discussão sobre as diferenças existentes entre as escolas públicas foi posta não para questionar a política de cotas, uma vez que ela se faz necessária em uma sociedade como a brasileira, mas para demonstrar o quanto é delicado traçar uma política pública tendo como referência a fragmentação da mesma.

Imaginando que houvesse uma problematização da condição de existência de diferentes tipos de escolas públicas e, ao mesmo tempo, um desejo de se aplicar uma ação reparadora dessas diferenças, em quais critérios essa ação reparadora iria se apoiar para diferenciar uma escola pública de outra escola pública? Esse movimento demonstra o quanto pode ser contraditório o acesso pleno aos direitos, considerando a via de políticas fragmentadas, pois à medida que se busca um ajuste, sobre qualquer critério, surge, em contrapartida, o distanciamento das discussões das causas estruturais que afetam o sistema como um todo, no caso o sistema educacional. Por outro lado, mesmo que a política fragmentada consiga ser eficaz, contemplando volume expressivo de beneficiados, a questão remete a outro impasse: o volume desses beneficiados será suficiente para acarretar as mudanças sociais coletivas necessárias? Ou seja, en-

quanto estivermos direcionando as políticas públicas via setores sociais, viveremos essas contradições (KERSTENETZKY, 2006).

OS ALUNOS DO PRÉ-UNIVERSITÁRIO E ATUALIZAÇÃO

A trajetória de se fazer presente em sociedades como a brasileira, para jovens e adultos das camadas populares, não é nada fácil. Em geral, eles são expostos a diversas tensões sociais que exigem dos mesmos uma constante resiliência. Basta ver o efeito desestimulante que o racismo e a precariedade do sistema escolar podem ocasionar na busca pelo acesso ao ensino superior. Como meio de manter o estímulo e a garra de se lutar para o acesso à universidade, o projeto procura preservar um ambiente prazeroso de convívio entre todos, demonstrando o quão grande é o esforço, mas sempre preservando a possibilidade de chegar à universidade. Para que isso seja exemplificado, tem-se a preocupação de conter, no projeto, professores, bolsistas, monitores ou mesmo voluntários que sejam ex-alunos do curso, o que simbolicamente demonstra que, apesar de a universidade ser elitista, ela pode ser assumida e modificada pela presença das camadas populares.

Durante esses vinte e dois anos, o Pré-Universitário manteve seu principal núcleo de atuação na Cidade de Niterói, mas, em alguns momentos, foi estendido a São Gonçalo, à cidade de Volta Redonda e à cidade de Oriximiná, no estado do Pará. Ainda que sejam experiências importantes que demonstram o potencial do trabalho, nos deteremos ao núcleo-sede de Niterói.

Os alunos que frequentam o projeto se dividem entre moradores de bairros populares de Niterói e São Gonçalo, predominando os de baixo poder aquisitivo, oriundos de es-

colas públicas e de origem afrodescendente. Há alunos que residem em bairros abastados, porém filhos de porteiros, zeladores ou moradores de casas de cômodo, pensões, que se distribuem pelos centros das duas cidades.

A seleção para o projeto ocorre anualmente por meio de editais divulgados na comunidade e em meios de comunicação, incluindo as mídias sociais. Equivale a um preenchimento de uma ficha em que se coletam dados socioeconômicos, uma entrevista que pode ser coletiva ou individual e, em alguns anos, foi solicitada uma redação com temas pré-definidos pela equipe do projeto. A ficha socioeconômica é ordenada através de pesos que variam de um a cinco, definidos por variáveis como cor da pele, escolaridade da mãe, tipo de escola do ensino médio, anos de conclusão do ensino médio, renda per capita e local de moradia. O peso cinco representa maior interesse do projeto pelo candidato, e um, menor interesse. Ainda que o projeto esteja voltado ao perfil citado acima, não quer dizer que esteja fechada a participação de candidatos de escolas públicas de excelência, como Pedro II, CEFET e escolas particulares com bolsas. A participação desses alunos sempre é em menor quantidade, mas suficiente para permitir trocas de conhecimentos no ambiente da sala de aula, garantindo a mistura cultural. Esta mistura, ao ampliar as trocas de saberes, evita o confinamento do projeto em um espaço fechado em si mesmo, o gueto.

Em conjunto ao Pré-Universitário, há o Curso de Atualização, voltado aos candidatos de maior faixa etária que se encontram afastados há pelo menos cinco anos dos bancos escolares, normalmente pais ou mães que desejam ampliar a escolaridade para acessar o mercado de trabalho e, muitas vezes, concluíram o ensino médio pelo sistema de Educação de

Jovens e Adultos (EJA), antigo supletivo.

O curso de Atualização nasceu da necessidade de se buscar solução ao processo de evasão que vinha ocorrendo com os alunos do Projeto devido à defasagem gerada durante a convivência dos alunos com o perfil citado acima com os demais, geralmente mais jovens recém-formados ou em fase de conclusão do ensino médio, habituados ao ritmo escolar e sem compromisso conjugal (SOUSA, 2012).

O Curso de Atualização, ao responder ao processo de evasão, também busca atenuar a possível sensação de frustração no grupo de maior faixa etária que assumiu o desafio de voltar à escolaridade e não deu continuidade, por se colocar em uma posição de não acompanhar o ritmo da sala de aula voltada a um público jovem acostumado a proceder de maneiras preestabelecidas pela instituição escola. Atenuar essa questão é uma resposta ao conjunto de tensões sociais que impera sobre as camadas populares, no caso as de maior faixa etária, e que desejam retornar à escolaridade (SOUSA, 2012).

O trabalho na Atualização requer do universitário e demais profissionais do Oficina do Saber estimular a reabilitação de hábitos e ritmos escolares em conjunto à reconstrução dos conceitos básicos das disciplinas exigidas na seleção do ENEM e UERJ. Esse fazer pedagógico permite ao aluno universitário reelaborar suas aulas, observando esses alunos principalmente quanto ao aspecto conceitual, o que permite trocas, vivências, em que ambos se complementam. São exemplos: como abordar o conceito de eletricidade com um eletricista?, ou mesmo discutir um fato histórico quando seus alunos o vivenciaram: a ditadura de 1964 no Brasil ou a luta pela redemocratização?

A Atualização traz outra contribuição de igual relevância às anteriores: o potencial multiplicador do desejo de aumento de escolaridade no seio familiar quando o pai ou a mãe ou o responsável retornam à escola. Já houve casos de a mãe frequentar a Atualização; a filha, o Pré-Universitário; e as duas serem aprovadas no ENEM. No ano seguinte, foi a vez do filho mais novo. Como não são casos isolados, podemos afirmar que, quando o adulto ou responsável retorna ao banco escolar e tem o sucesso de ser aprovado para o ensino superior, isso gera ressonância favorável a outros membros da família, em especial à sua descendência.

A Atualização em si é um ambiente acolhedor para os adultos que têm o desejo de chegar ao ensino superior, apesar de apresentarem aspectos frágeis que, a qualquer momento, podem levar a uma evasão do curso. É percebido que, à medida que o ambiente acolhedor vai se estruturando, os alunos modificam seu comportamento, passando a se apropriarem do espaço de maneira prazerosa.

O ALUNO DO PRÉ-UNIVERSITÁRIO QUANTO À AUTOCONDUÇÃO, A SOLIDARIEDADE E O ENTORNO

Apesar de o Pré-Universitário já ter percorrido vinte e dois anos de existência, diríamos que temos muito a apurar, a observar, pois qualquer que seja o aspecto trabalhado em sala de aula, o seu efeito no aluno irá depender do grau de posicionamento que o mesmo tem em relação a si, ao outro e ao meio em que vive. Para tanto, destacamos três aspectos: a autocondução, a capacidade de trabalhar solidariamente, e a percepção do entorno em que está inserido.

A autocondução diz do envolvimento com o processo de educação e formação, ou seja,

o quanto o aluno assume responsabilidade pela condução de seu processo histórico; o quanto está disposto a planejar seus estudos, envolvendo horas de dedicação, e o quanto está disposto a abrir mão de outros afazeres para se dedicar ao estudo.

A capacidade de trabalhar solidariamente refere-se à habilidade do aluno em ouvir o outro e aceitar o outro no convívio escolar de trabalho em conjunto. O aluno irá participar de uma seleção para o ensino superior calcada em uma ideia de mérito que despreza a estrutura desigual da sociedade brasileira. Se o candidato ao Pré-Universitário já trouxer, em sua formação, relação de auxílio mútuo (como participar de grupos de trocas de conhecimentos, auxiliando seus colegas de sala de aula com os conteúdos de seu domínio), estará edificando um caminho coletivo de suporte, em que todos cresçam e tenham os conhecimentos necessários para responder a uma prova desigual e justificada pela concepção de mérito.

A percepção do entorno em que está inserido diz da capacidade de ler os conflitos por que passam as relações globais, os dilemas sociais locais e se posicionar diante dos mesmos.

Esses três sentimentos aliados aos conteúdos das áreas de conhecimentos necessários ao ENEM e UERJ formam a base de sustentação do trabalho do Pré-Universitário e da Atualização. Com esses aspectos desenvolvidos, possivelmente os alunos estariam habilitados a se relacionarem criticamente com a universidade por meio da ótica de alguém de origem popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Pré-Universitário Oficina do Saber, ao longo dos seus vinte e dois anos, vem se

moldando principalmente para interferir na formação do universitário e levar o aluno da comunidade a conduzir seu processo de aprendizagem e a entender e compartilhar o mundo em que vive. Este ensaio traz aspectos que são fios condutores do trabalho e, como tal, devem ser problematizados ao máximo para melhores elucidações.

O fazer pedagógico, apesar de expressar o sentido de condução dos alunos da comunidade a fazer as provas de acesso ao ensino superior de forma menos injusta, e de gerar uma ambiência de formação para o universitário, precisa ser esmiuçado, pois cada área de conhecimento tem método próprio de agir. Ou seja, quais são as diferenças e semelhanças entre o fazer da matemática, da produção textual, da história, da geografia, etc.?

As cotas raciais são inevitáveis tendo em vista as desigualdades existentes no sistema educacional, porém ampliar as reflexões no sentido das políticas estruturais de educação proporcionaria o entendimento do quanto é importante a restituição aos grupos sociais de menor poder aquisitivo do acesso a direitos universais.

As relações que se tecem no cotidiano do projeto, acarretando trocas de conhecimentos, seja na formação de grupos de estudos, nas salas de aulas, ou mesmo nas monitorias, devem ser observadas e discutidas com mais sutileza para compreensão do processo, pois dessas interações, possivelmente, se formam o agir coletivo tão necessário à contraposição à concepção de mérito.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei Nº 12.990, de 9 de junho de 2014. **Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2014.

JURISWAY. **Fraude nas cotas raciais pode se tornar crime previsto no Código Penal.** Jusbrasil, 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/fraude-nas-cotas-raciais-pode-se-tornar-crime-previsto-no-codigo-penal/238061643>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

KERSTENETZKY, C L. **Políticas sociais: focalização ou universalização?** Revista de Economia Política. Vol. 26, nº 4 (104). Dez, 2006. Disponível em: <http://academico.diretorio.fgv.br/ccmw/images/7/72/Celia.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

SANTOS, A. C. S. **Mapeamento dos Pré-vestibulares do estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro 2020. <http://nides.ufrj.br/index.php/publicacoes/dissertacoes>.

Sistema de cotas da UERJ completa uma década com indicadores positivos. **UERJ em Questão**, janeiro/fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.uerj.br/wp-content/uploads/2019/01/uerjemquestao97.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

SOUSA, J. N. de; RIBEIRO, P. C. (Org.). **Pré-Universitário Oficina do Saber - Uma Experiência em Educação.** 1ª ed. Niterói: Editora da UFF, 2012.